

SAIDEL, Henrique. **Cover de si mesmo: performance e simulacro**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. UNIRIO, Doutorado em Artes Cênicas, Charles Feitosa. Bolsista CAPES. Diretor, ator e performer.

RESUMO

Nesta comunicação, apresento temas de minha pesquisa de doutorado *Covers e duplos – propostas para uma performance da presença*. A partir da obra de G. Deleuze, o *simulacro* surge como linha de força para a discussão sobre o cover. Desenvolverei, aqui, algumas reflexões sobre o simulacro, em seus desdobramentos filosóficos e performáticos. Averso ao Mesmo, o simulacro não só diz que a cópia pode ser superior ao original, como também que a própria noção de original e cópia não passa de simulação. A semelhança, se existe, é apenas efeito exterior do simulacro; se há identidade, é a identidade do Diferente. A presença de uma imagem subversiva, que não respeita a autoridade de um pai-original e se entrega aos fluxos e às delícias (e também aos perigos e amarguras) do Outro. Se o cover da indústria cultural pode ser relacionado com a emergência do Mesmo e da Semelhança, o cover performático que pretendo investigar e propor artisticamente – o cover de si mesmo, de mim mesmo – opera justamente pela via da Diferença e da Dessemelhança. O cover de si mesmo procura as frestas, as obscuridades, vibradas pelo atravessamento do Outro. Ironia que se dobra no próprio corpo do performer. O Eu simulado, simulacro de mim: a Diferença em mim.

PALAVRAS-CHAVE: Simulacro: Diferença: Cover: Cover de si mesmo: Performance.

RESUMÉ

Dans cette communication j'aborde des sujets de ma recherche doctorale *Stratégies performatives du sosie et du double et ses effets de présence*. Dans l'ouvrage de G. Deleuze, le *simulacre* apparaît comme une ligne de force pour la discussion sur le sosie. Je développerai des réflexions sur le simulacre, dans ses déploiement philosophiques et performatives. Opposé au Même, le simulacre non seulement affirme que la copie peut être supérieure à l'original, mais aussi que la notion même de l'original et de la copie n'est qu'une simulation. La ressemblance, si elle existe, elle est juste l'effet extérieur du simulacre; s'il existe une identité, c'est l'identité du Différent. C'est la présence d'une image subversive, qui ne respecte pas l'autorité d'un père-original et accepte le flux et les plaisirs (et aussi les dangers et les peines) de l'Autre. Si le sosie de l'industrie culturelle peut être associé à l'émergence du Même et de la ressemblance, le sosie performatif sur lequel j'interroge – le sosie de soi-même, de moi-même – opère précisément par le biais de la Différence et la dissemblance. Le sosie de soi-même cherche les fentes et les ombres chamboulées par l'action de l'Autre. Ironie qui se plie dans mon propre corps. C'est le Je simulé, simulacre de moi-même : la Différence en moi.

MOTS-CLÉS: Simulacre : Différence : Sosie : Sosie de soi-même : Performance.

Retomo, aqui, alguns temas já abordados em outros textos meus, e que fazem parte da pesquisa de doutorado que desenvolvo. Pesquisa que parte da hipótese de que a utilização irônica do cover como estratégia performática de subjetivação e criação artística – mais precisamente, o cover de si mesmo – poderia contribuir para a instauração de uma *performance da presença*, na qual não existiriam hierarquias entre original/cópia, verdadeiro/falso, presença/ausência.

O cover evoca, num primeiro momento, a ideia de cópia, mimesis que se remete a um original externo: da versão pessoal de músicas alheias à imitação implacável de todo um ser-artista em ato. Um cover de Roberto Carlos não só canta as suas músicas com timbre idêntico ao do cantor capixaba e imita a sua visualidade, como também assume para si posturas e comportamentos característicos. A cópia é levada ao extremo, arte e vida embrenhadas na produção de efeito – efeito de presença.

No entanto, o que interessa aqui é prestar atenção naquilo que o cantor e compositor de rock Erasmo Carlos diz na sua canção *Cover* (2009): “Sou meu cover, sou o meu espelho. Sempre atento a tudo que eu faço. Sou a cópia fiel da minha imagem. Gosto muito de ser igual a mim. Ser o gêmeo do eu original. Eu mesmo meu próprio personagem...”. Trata-se não o cover de alguém distante, mas o cover de si mesmo. Quando original e cópia se confundem num mesmo corpo, a reencenação irônica do cover surge como estratégia performática de subjetivação. O cover me copia ou eu copio o cover? Eu crio o cover ou o cover me cria? Eu sou, de fato, o original?

Uma incursão detalhada pela teoria da mimesis, começando em Platão, passando por Aristóteles e chegando até os teóricos contemporâneos, apesar de reveladora, não cabe neste artigo. Assim, atendo-me às questões levantadas por Deleuze e sua teoria do simulacro. Se para Platão a mimesis é má por ser uma cópia afastada três graus do original (1 – a ideia; 2 – a natureza; 3 – a cópia artística da natureza), Aristóteles a redime percebendo que são duas: *natura naturata* (que toma a natureza como algo dado e imita o que já existe) e *natura naturans* (que toma a natureza como processo e imita o ato criador da natureza, melhorando-a). Contudo, para Deleuze, o termo mimesis adquire uma conotação negativa, pois supõe uma continuidade, uma narratividade, uma filiação patriarcal que, a partir do domínio da representação, reafirma a ligação cronológica entre original e cópia. E essa filiação está relacionada com a construção e a manutenção de um sujeito supostamente uno e fixo, acorrentado pelas atribuições estáveis da identidade – construção que constitui o principal alvo da crítica deleuzeana.

Mas a condenação da mimesis feita por Deleuze não se aproxima da célebre crítica de Platão às artes. Platão rejeita a mimesis por ela criar uma cópia triplamente afastada do modelo original, referência da verdade, fornecendo uma imagem degradada e falsa da ideia perfeita. Deleuze, por sua vez, critica a mimesis justamente por ela pressupor a existência de um modelo original a ser copiado. É o figurativismo e a organicidade, com todas as suas implicações políticas e subjetivantes, que são combatidos. “En el arte, y en la pintura como en la música, no se trata de reproducir o de inventar formas, sino de *captar fuerzas*. Por eso mismo ningún arte es figurativo” (DELEUZE *apud* LIMA, 1999, p. 310). Pode parecer contraditória a afirmação de que “nenhuma arte é figurativa”. No entanto, ela deve ser entendida enquanto programa filosófico, estratégia de subjetivação ativada no descentramento da representação em prol de uma concepção imanente de arte e de vida. Um convite à reversão das concepções tradicionais de arte e de seus desdobramentos. Captar forças (as forças do mundo) é abrir-se às sensações e ao

caos criativo do devir, estabelecendo relações que não prestam homenagens a um pai-fundador original e multiplicam-se loucamente (devir-louco) num sem-número de possibilidades e intensidades poéticas. A mimesis deleuzeana assume-se problemática e auto-implosiva. Filha de chocadeira, a mimesis que recusa qualquer referencial anterior corre o risco de não se sustentar como procedimento convencional de criação, suspendendo expectativas e verossimilhanças fáceis, exigindo novos posicionamentos dos envolvidos em seu empreendimento.

Assim, a própria palavra mimesis não é mais a mais indicada. O próprio filósofo propõe um outro conceito: o simulacro. Para Deleuze, mais do que estabelecer a linearidade entre essência e aparência, entre modelo e cópia, o que Platão intenta é delimitar os territórios do que ele chama de boa cópia e má cópia, para então livrar-se da segunda. A boa cópia é aquela que imita a ideia original metafísica, e seu grau de perfeição se mede pela semelhança que mantém em relação ao modelo, primeiro e superior. A má cópia é aquela que imita o já imitado, distante demais da verdade ideal. Essa má cópia tem um nome – simulacro – e um lugar muito claro no ordenamento racional do caos empreendido por Platão – o mais inferior e desprezível dos degraus, o mais abaixo e afastado da superioridade da verdade, do modelo. O simulacro, imagem desvirtuada e mergulhada na dessemelhança, é apartado das cópias-ícones, imagens secundárias nascidas e portadoras da semelhança. E, uma vez apartado, o simulacro é condenado e interdito à qualquer pretensão de legitimidade.

O platonismo, enquanto projeto político, é o principal responsável pelo advento e manutenção do reinado do Mesmo e da Semelhança. Nada nem ninguém que não seja sempre igual a si mesmo pode ser considerado digno de respeito e existência. E esse “igual a si mesmo” é marcado pelo crivo da semelhança. Não há, aí, espaço para a diferença. O simulacro expõe, portanto, a arbitrariedade e a violência de uma estratégia de constituição de mundos e de subjetividades e de corpos baseada na fixidez da identidade, sempre muito bem delimitada e previsível.

O simulacro é construído sobre uma disparidade, sobre uma diferença, ele interioriza uma dissimilitude. Eis por que não podemos nem mesmo defini-lo com relação ao modelo que se impõe às cópias, modelo do Mesmo do qual deriva a semelhança das cópias. Se o simulacro tem ainda um modelo, trata-se de um outro modelo, um modelo do Outro de onde decorre uma dessemelhança interiorizada. (DELEUZE, 2000).

A dessemelhança do simulacro é altamente inflamável, instável, louca. Como a carta do Louco no tarô, o simulacro é potencialidade, devir, imprevisível e intempestivo. Toda superficialidade e ironia, o simulacro debocha da própria falta de profundidade. Avesso à mesmice do Mesmo, o simulacro não só diz que a cópia pode ser superior ao original, como também que a própria noção de original e cópia não passa de ilusão, de invenção, de simulação. A querela entre original e cópia é uma falsa questão, que se desvanece no retorno do simulacro: a cópia copia e origina a si mesma, desativando qualquer originalidade que seja sinônimo de primeiridade, de anterioridade, de identidade, e, por conseguinte, de superioridade. A semelhança, se ainda existe, é apenas efeito exterior do simulacro; se há alguma identidade, é a identidade do Diferente. A loucura criativa e irônica do simulacro: nada mais perigoso, portanto, aos projetos de uma filosofia da identidade, que se esforça para manter tudo em seu devido lugar, em um único lugar.

Sob a égide do simulacro, a mimesis perde um de seus pilares – a referencialidade –, responsável por importantes critérios como a verossimilhança e a necessidade (ARISTÓTELES 1452a, 1966, p. 78). Ao perder todo seu lastro,

garantido pela semelhança, a atividade mimética entra em colapso e, surpreendida e desgarrada, espirala-se no vazio. O espelho está quebrado. Tal mimesis tem a chance de apontar para si própria, imagem da imagem, e mostrar-se não igual, mas diferente de si mesma, em si mesma. A orgia da imagem, simulação festiva e dionisíaca onde as distâncias são subvertidas: o observador também faz parte do simulacro, simultâneo, ele também todo atravessado e (de)formado pela vertigem do a-fundamento. Toda representação, investida pelo poder identitário do Mesmo e do julgamento moral dele decorrente, é deposta e subvertida.

Reverberando Nietzsche, a filosofia de Deleuze pretende subverter o platonismo, e todos seus efeitos identitários e unos, fortalecendo os pressupostos de uma filosofia da diferença, na qual o simulacro tem papel de destaque.

Subverter o platonismo significa o seguinte: recusar o primado de um original sobre a cópia, de um modelo sobre a imagem. Glorificar o reino dos simulacros e dos reflexos. Pierre Klossowski, nos artigos que citamos anteriormente, assinalou este ponto: o eterno retorno, tomado em seu sentido estrito, significa que cada coisa só existe retornando, cópia de uma infinidade de cópias que não deixam subsistir original nem mesmo origem. [...] Com efeito, por simulacro não devemos entender uma simples imitação, mas sobretudo o ato pelo qual a própria ideia de um modelo ou de uma posição privilegiada é contestada, subvertida. [...] Se é verdade que a representação tem a identidade como elemento e um semelhante como unidade de medida, a pura presença, tal como aparece no simulacro, tem o “díspar” como unidade de medida, isto é, sempre uma diferença de diferença como elemento imediato. (DELEUZE, 2006, p. 106 e 109).

Este é o ponto que interessa à esta pesquisa do cover. A presença de uma imagem dionisiacamente subversiva, que não respeita a autoridade de um pretense pai-original e se entrega aos fluxos e às delícias (e também aos perigos e amarguras) do Outro. Se o cover tradicional da música e da indústria cultural pode ser relacionado com a emergência do Mesmo e da Semelhança, por se remeter direta e intencionalmente a um original identificável – mesmo que esse original identificável não seja nem um pouco original, posto que é cópia infinita de outros e também de si mesmo –, o *cover performático* que pretendo investigar e propor artisticamente – o cover de si mesmo – opera justamente pela via da Diferença e da Dessemelhança. O cover de si mesmo procura as frestas, as obscuridades, trazidas e vibradas pelo atravessamento do Outro. Ironia superficial que se dobra e se desdobra na minha própria imagem, no meu próprio corpo. O eu simulado, simulacro de mim. A Diferença em mim.

Ao repetir a si mesmo, o cover performático escancara o que sempre esteve ali: um si mesmo plural, simulacro derrisório que é toda presença, uma multidentidade que não se ancora na esquizofrenia mas na liberdade das subjetividades nômades. A ironia do cover, que passa pela reprodução capciosa de alguém que é identificado como um *outro*, se fortalece na subversão da cópia do que é identificado como *si mesmo*. Ironia que borra as fronteiras entre ser e não ser, entre verdade e mentira, entre real e falso. Certo é que trafegar por esse caminho espiralado e inusitado implica na radicalização de uma postura artística e existencial que opera no deslizamento presença/ausência, eu/outro.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Porto Alegre: Globo, 1966.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. *Lógica do sentido*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LIMA, Luiz Costa. *Introdução geral*. In: _____. (org.). *Mímesis e a reflexão contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

_____. *Deleuze: estética antirrepresentacional y mimesis*. In: *Estudios Públicos*. Vol. 74. Santiago, Chile: 1999.